

Mendonça de Barros defende virada na política

Ex-ministro quer câmbio controlado, juro menor e metas de inflação e superávit menos rígidas

NILSON BRANDÃO JUNIOR

RIO – O ex-ministro das Comunicações Luiz Carlos Mendonça de Barros pregou ontem que o PSDB defenda uma nova política econômica, diferente da adotada pelo País nos últimos anos, com base em três pontos: câmbio sujeito a algum controle (para garantir o desempenho exportador), “redução importante” da taxa de juros e metas de inflação e superávit menos rígidas. O projeto faz parte de estudo em elaboração pelo Instituto Sérgio Motta, ligado ao PSDB.

A proposta foi apresentada ontem no encerramento do seminário “Crescimento Econômico e Emprego”, promovido pelo Instituto Teotônio Vilela, do partido. “Temos de fazer uma síntese entre teoria econômica (ortodoxa) com leitura adequada das restrições da economia hoje”, comentou Mendonça de Barros, citando o risco de nas eleições presidenciais de 2006 “alguém levantar a bandeira da moratória, que será extremamente atraente para o cidadão”.

Depois da palestra, Mendonça de Barros explicou que não estava se referindo ao PT, quando comentou sobre a moratória. “Não, não, acho que não. Vai aparecer um populista, tipo Kirchner (Néstor Kirchner, presidente da Argentina)”, explicou o economista.

Ele disse que a renda, “o grande problema da economia brasileira”, vem sendo sacrificada pela elevada carga tributária, o esforço fiscal do governo e os juros altos.

Mendonça de Barros citou que o partido enfrentou o desafio de controlar a inflação e estabilizar a economia, com o Plano Real, e que hoje o tema é o crescimento econômico e a solução para o elevado endividamento do setor público. Quanto à chance de redução dos juros, houve divergência entre os economistas que participaram do debate.

O ex-presidente do Banco Central (BC) e sócio da Tendências Consultoria Gustavo Loyola comentou que o banco não pode fazer muito, neste momento, para baixar as taxas de juros de forma significativa. Ele comentou também que “o governo atual fez uma ‘conversão do credo macroeconômico, mas não acredita, ainda, no mercado’”. Segundo Loyola, as medidas microeconômicas adotadas indicam “intervenção econômica inadequada”.

Paulo Rabello de Castro, da RC Consultoria, defendeu a queda da taxa Selic. “Caiu de 26% para 16%. Precisamos ver a taxa cair muito mais”, argumentou. Ele chegou a dizer que o País foi posto num “leprosário econômico, onde as taxas reais tem de ser de 10% ao ano”.